

IMAGENS DA ESCOLA: O QUE PODE UMA HORTA?¹

Larissa Marchesan²

Lívia de Souza Carvalho Selhane³



Fonte: Todas as imagens deste trabalho são de arquivo pessoal.

“Deixa eu brincar de ser feliz, deixa eu pintar o meu nariz” (Marcelo Camelo)

Palavras iniciais

O trabalho apresenta relato de experiência no campo da Educação Ambiental por meio da (re)significação do espaço geográfico, percorrendo territórios da EEB Simão José Hess e sensibilizando para outras aprendizagens. Neste, utilizamos as imagens dos encontros para mostrar outros processos que permeiam uma horta escolar. Os deslocamentos realizados com as atividades na horta acontecem junto a estudantes da escola e o coletivo COM-VIDA⁴ - Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola. Nossa inquietação parte da invisibilidade destes espaços nas escolas, assim, trabalhamos com a ressignificação de um espaço ocioso e restrito, a horta, que por estar localizado nos fundos da escola - próximo ao ginásio de esportes – tornou-se um espaço

¹ Trabalho orientado pela Prof.^a Dr.^a. Ana Maria H. Preve do Departamento de Geografia da UDESC.

² Graduanda do curso de Geografia Licenciatura, e bolsista Pibid Geografia da UDESC. Membro do Grupo Geografias de Experiência do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação em Geografia - LEPEGEO

³ Idem

⁴ O “Projeto COM-VIDA” é uma iniciativa de bolsistas PIBID GEOGRAFIA. Com intuito de realizar oficinas com viés da educação ambiental. Atualmente o coletivo é formado pelas bolsistas de graduação Larissa Marchesan, Lívia de Souza Carvalho Selhane, Bárbara Amanda Feitosa Feijó e Hanna da Silva Farinha Roir. E pela mestranda Camila Camargo.

pouco frequentado pela comunidade escolar. É através do Projeto que realizamos atividades que contemplem demandas no espaço pedagógico.

O intuito do coletivo é sensibilizar as/os estudantes para que se aproximem do ambiente que antes era abandonado, com entulho da construção da escola e lixo, e que pouco a pouco com as atividades do Pibid Geografia se transformou em uma horta orgânica, atualmente com noções de permacultura. Para acessar a horta escolar é necessário passar por um portão que só está aberto em horário das aulas de Educação Física, assim, essa restrição se tornou um empecilho para a ocupação deste espaço.

Nosso ponto de partida se dá através da disciplina de Educação Ambiental, ministrada pela Professora Ana Maria H. Preve, que nos sensibilizou pela temática da educação ambiental, enquanto exercício político. Movimentamo-nos a partir da relação educação e meio ambiente no espaço escolar e as combinações que elas possibilitam. Nesse sentido, foi a partir de oficinas intituladas “Percepções ambientais” e “Protesto em forma de arte”, realizadas no ano de 2016, que iniciamos nossas atividades pela escola, a ocupação permanente e a reutilização do espaço da horta escolar.

No início do ano de 2017, a escola possibilitou a revitalização do espaço, com a construção de um viveiro de mudas e uma estrutura geodésica, com a finalidade de ser uma sala de aula e um espaço de convivência, oferecendo aos estudantes outras metodologias para suas aprendizagens e um espaço de trocas.

Iniciamos nossas atividades seguindo um cronograma do projeto, mediante encontros semanais. As bolsistas e alguns estudantes participaram de uma formação básica em “Designer Permacultural” em parceria com o Eng. Agrônomo Kenny Roncon⁵, e a formação “Agroecologia e a reciclagem da matéria orgânica” com o Geógrafo Moriel Douglas Cabral⁶. Através destas reflexões mergulhamos em inquietações da permacultura, agroecologia, reciclagem orgânica, plantas medicinais e alimentares não convencionais, hábitos de consumo e educação ambiental, dentre outras questões, que são desenvolvidas no projeto enquanto processo educativo.

⁵ Graduado em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, (2012). Membro artístico, permacultor e oficinairo do projeto COM-VIDA.

⁶ Moriel Douglas Cabral, ex-bolsista PIBID Geografia e pioneiro na atividade da horta escolar na EEB. Simão José Hess.

Partindo da ideia de o que **pode** uma horta, utilizamos de oficinas para que as aprendizagens ocorram e ultrapassem o espaço da sala de aula, fugindo do clichê de que aula fora das paredes da sala não é aula. É possível pensar e tornar as coisas ao nosso redor ferramentas de aprendizagem. Experimentar, tocar, envolver, atravessar algo novo, para desenvolver olhares e interpretações, nesse sentido potencializamos a horta como espaço educativo de maneira que se torne permanente, a partir da construção coletiva, viabilizando também atividades interdisciplinares. Para isso sensibilizamos os integrantes do projeto para que haja cuidado, respeito e empoderamento dos processos que ali ocorrem. Contamos com ajuda de funcionários da escola que são interessados com a horta e a temática, que cuidam, regam e plantam em nossas ausências e presenças, sem eles o projeto não sairia do papel.

(Re)significar: espaços ociosos e restritos



Nossas atividades envolvem diferentes turmas da escola, buscamos trazer para este relato episódios de o que **pode** uma horta, observados com estudantes do ensino fundamental I durante a realização da construção do viveiro de mudas, da estrutura geodésica e na revitalização da horta escolar. As crianças percorrem o espaço de diferentes maneiras, se identificam com diferentes detalhes e coisas. Nos ensinam, muito mais que nós a elas; libertam nossos olhos de uma cortina que há anos se encontra fechada, para percebermos detalhes, sentimentos, afetos e brincadeiras, voltamos a ser criança. Elas não têm nada, mas só com um pedaço de madeira, tem tudo. E assim nos propomos a brincar, a colocar o pé na terra, sujar a roupa... Segundo

Breno⁷ “é bem melhor quando a gente pode se sujar, sem se preocupar, depois é só lavar”.

“acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (...) Sou hoje um caçador de achadinhos da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos(...)”
(Barro, Manoel de, 2015)

Assim, procuramos nestas linhas descrever nossas experiências e aventuras, de uma forma simples porém cheia de detalhes, como as brincadeiras de criança, como as pedrinhas enormes de nosso quintal. Em nossas atividades, e não-atividades, prezamos pelo respeito e cuidado com as pessoas que estão ali inseridas e com o espaço, seguindo as ideias de educação ambiental com viés político. Propomos mudanças individuais e coletivas para a construção de um meio ambiente agradável para todos nós. Durante nossos encontros, não podemos falar “palavrão”, nem coisas que não agrada o outro, e destacamos a importância de aprendermos os nomes de todas as crianças participantes do projeto e de nossas atividades.

Para isso propomos uma dinâmica inicial onde antes de começarmos a atividade nos apresentamos, cada um diz seu nome, idade, e o que mais gosta de fazer e de comer, ou o que não gosta, assim nos conhecemos, identificamos, respeitamos as nossas individualidades. O intuito é mostrar a diversidade de opiniões e gostos que surgem em um grupo, mesmo sendo ele pequeno. Trabalhamos na horta cuidando do grupo, desenvolvendo afetos, respeito, cuidado e empoderamento dos processos, através dos princípios fundamentais da permacultura, que é a noção de um sistema cíclico, “cuidar das pessoas” para “cuidar da terra”.



⁷ estudante do 3 ano do ensino fundamental.

Episódio um



Na busca de imaginar lugares e reinventar objetos, nos deparamos com a necessidade interna de brincar. Um dia, após plantarmos rabanetes, tomates e laranjeiras, somos convidadas a voltar a nossa infância. Abrimos um tempo para brincar, sem tempo, sem se preocupar, somos conduzidas para rememorar aventuras de criança, de modo a experienciarmos juntas simplicidades infantis. Nosso encontro com a horta permite elaborar intervenções ao espaço, e transformar o “infértil” em “fértil”. Sendo assim, buscamos estender as possibilidades de o que **pode** um espaço ocioso dentro da escola.

A sala de aula é maior que quatro paredes, a escola é mais que quatro muros, e maior que um pátio, e com certeza é maior que uma horta, é um mundo de opções. Há dias em que as crianças criam pistas para corridas velozes com carrinhos de mão cheios de terra ou inventam muralhas feitas com galhos achados fincados no chão, impedindo que outro grupo acesse seu espaço. O desejo da fuga do mundo adulto tem como experiência a infância, o lugar de criança, o imaginário, a intimidade pelas coisas. Ali, o carrinho-de-mão que servia simplesmente para transportar a terra de um lugar a outro, agora é um carro de corrida... o que eram simples galhos tornam-se espadas afiadas para lutar ferozmente... o viveiro se transforma em uma linda casa, servindo de refúgio para as tempestades... as árvores, ao subir nelas se fantasiam altos faróis para avistar os barcos piratas...

Episódio dois



Buscamos uma outra (re)significação do espaço, ao ouvir o que as crianças nos dizem e trazem a partir de suas experiências com a natureza, e observando os outros significados criados ali. É neste sentido que o projeto estimula, instiga e provoca olhares, percepções, aventuras, tornando os estudantes agentes atuantes na comunidade escolar. Aprendemos juntos o que **pode** uma horta, de maneira que se torne um espaço educativo. Brotam laços afetivos, cuidado, respeito, espera, olhares, requer a mão na terra, o fazer, o reciclar a matéria orgânica, germinar sementes, implantar um viveiro, construir uma geodésica.

Cada novo olhar, palavra dita, sensação compartilhada se torna abertura para ressignificações da horta. Na prática, ao plantar uma semente e esperar que ela germine e cresça, vimos que a compreensão de tempo fica confusa, ocorre uma euforia por parte das crianças no que diz respeito ao crescimento das espécies. Em nossas experiências o que prevaleceu foi a vontade de que cresça rápido, de querer comer, de levar para casa. Quando cresce a muda, a sensação se transforma, entra em cena a fascinação por compreender o tempo de cada espécie, a espera. A vontade que cresça rápido é substituída pela contemplação de seu tempo de crescimento, do espaço que ocupa. Buscam saber como vai ficar, porque cresceu, a quantidade de água, de adubo, de vento, de sol, seu gosto, cheiro, textura...

Encontramos no espaço da horta um lugar de trocas, onde as aprendizagens tornam-se saborosas. Ora de modo mais singelo, ora de modo extremo, as crianças aprendem através das práticas a esperar, apreciar a lentidão, saber que cada coisa tem

seu tempo. No meio da correria, gritos, sons, cheiros, e as grades, da escola, descobrimos juntos o que **pode** uma horta, “requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes.” (LARROSA, 2002, p. 24).

Neste mundo acelerado, não nos permitimos parar sem fazer nada, precisamos aproveitar ao máximo o tempo, cada vez mais, somos consumidos por nossas rotinas vorazes. Ao desacelerar descobrimos juntos que a horta **pode** ser um lugar para fazer nada, para apreciar a gentileza de uma flor, aprender ouvindo, sentir o cheiro de uma história, lembrar do gosto de uma boa gargalhada de criança, dar valor ou sentido a uma experiência, onde as coisas não precisam ter valor, sentir o calor de uma boa música, degustar e compartilhar os sonhos e parar pra conversar com os nossos amigos. O desejo da fuga nos leva a horta, chegamos lá para sentar, pular, correr, escalar árvores, comer um pedaço de alface, plantar, regar e reaprender na lentidão sentidos e olhares que estão perdidos na pressa de nossas rotina.



Notas finais



Nossas vivências e experiências na horta tem muito a nos dizer. Ao sair de lá sentimos a leveza de um lugar que nos ensina coisas valiosas. Aprendemos a ter paciência, uns com os outros, com o tempo, com a espera. Aprendemos a lidar com os desafios, a propor soluções coletivas, a não saber, a não ter domínio sobre as coisas. Tentamos pular algumas barreiras que se formam naturalmente, como o receio de alguns estudantes de colocar a mão na terra, de se “sujar”, a pressa que as plantas cresçam. É um espaço de aprendizagens e de sutileza ao mesmo tempo, pois aprendemos o tempo das coisas e de nós mesmas.

Ao parar para rememorar nossas infâncias nos deparamos com desafios internos e com vontades de criança, nos entregamos a brincar, a correr, a sujar, a sorrir. Ao notar as ressignificações que ocorrem nos permitimos voltar a essas infâncias, esses mundos imaginados e (re)aprendemos de certo modo a ser criança.

Na busca de escapar das salas com quatro paredes encontramos certa rigidez por parte dos docentes que encaram as atividades desenvolvidas na horta como atividades pontuais. Para isso, propomos a horta escolar como um espaço educativo de construção

coletiva, buscamos estabelecer dinâmicas que reutilize o espaço de maneira interdisciplinar e com diferentes faixas etárias. Por isso, nosso grupo se caracteriza por pessoas que querem aprender e ajudar juntas.

Nosso propósito é relatar os processos que ocorrem em uma horta escolar, os episódios querem mostrar as ressignificações por meio das brincadeiras e a pausa ao longo das atividades. No primeiro episódio destacamos a importância que as brincadeiras têm no processo educativo e como o simples ato de brincar transforma o espaço, a partir de suas ressignificações, desenvolvendo a dialogicidade entre o grupo. No episódio dois buscamos instigar a reflexão dos estudantes em relação ao tempo, compreender a importância de esperar e parar, em meio de toda a correria e movimentos da escola e da vida.

Assim, um espaço ocioso agora se faz fértil, abriga ideias, pessoas e outros modos de se pensar a educação ambiental e hortas escolares. Antes aquele espaço que era invisível e inacessível, agora é um lugar de fuga, aberto a todos. Procuramos fugir do clichê, onde o meio ambiente é só a horta, as plantas, mostramos no projeto que meio ambiente é também nossa relação com as pessoas ao nosso redor, e as ações realizadas por elas e por nós. Unimos esta ideia aos princípios da permacultura e dialogamos sempre sobre cuidar da terra e das pessoas de maneira gentil e afetuosa.

Continuaremos viajando, brincando, plantando, regando e colhendo...
colecionando momentos e materializando as infâncias...



Agradecimentos

Queremos deixar nossa gratidão pelas pessoas que fazem parte deste projeto, direta e indiretamente, aquelas que colocam a mão na massa, aquelas que fazem doações, aqueles que estão lá todo dia, aquelas pessoas que passaram e passam.

Referências

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Alfaguara / Objetiva. Edição n 1. 2015.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr. 2002.